

DIVULGAÇÃO/CRISTINA BECK



Pneus. Instalação "E pesadiya a libra mi di mi sonho", de Tirzo Martha, artista de Curaçao, na Usina do Gasômetro

DIVULGAÇÃO/THIELE ELISSA



Lona de caminhão. Tela "Uma solução prodigiosa para um problema barulhento", de Felipe Rezende, no Centro Cultural Vila Flores

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br
PORTO ALEGRE

Em sua 14ª edição, a Bienal do Mercosul já é, naturalmente, um dos eventos mais aguardados do calendário cultural de Porto Alegre (RS), movimentando a cidade com um dos principais eventos de artes visuais do país. Nesta mostra, especificamente, toda essa expectativa foi potencializada pela tragédia que atingiu o estado há quase um ano, quando uma cheia histórica após vários dias seguidos de chuvas causou mais de 180 mortes e deixou milhares de pessoas desabrigadas.

Por conta da maior tragédia climática da história do estado, a Bienal, que estava marcada originalmente para setembro de 2024, foi adiada para este ano, e inaugurou suas exposições e programas públicos na quinta-feira. Onze meses depois da cheia que afetou diretamente 46 bairros da cidade, deixando marcas ainda visíveis nas paredes e muros, o evento ocupa 18 instituições, com obras de 77 artistas de diversas regiões do mundo, de países do continente americano, e países como Inglaterra, Lituânia, China, Tailândia, Taiwan, Coreia do Sul e Cingapura, com mais de 70% dos trabalhos comissionados.

A oferta de exposições e a presença de tantos artistas trabalhando pela cidade reforçam o sentimento de reconstrução que permeia a maioria das conversas, com a Bienal vista como um marco do novo momento de Porto Alegre pós-tragédia, com a ampliação das mostras e dos programas públicos a espaços inéditos, a exemplo do Museu da Cultura Hip-Hop RS e da Cinemateca Capitólio, e a reabertura de locais

tradicionais, como o Farol Santander e a Usina do Gasômetro, ambos no Centro Histórico, uma das áreas mais afetadas pela cheia.

Tendo o carioca Raphael Fonseca como curador-chefe, Tiago Sant'Ana e Yina Jimenez Suriel como curadores adjuntos e Fernanda Medeiros como curadora assistente, a mostra, que tem como conceito a ideia de "Estalo", também reflete os impactos causados pelo desastre ambiental, ainda que sem necessariamente com uma abordagem direta ao ocorrido.

— Quando começaram as chuvas, no final de abril, a gente já tinha grande parte da Bienal fechada. Algumas coisas mudaram, alguns trabalhos responderam a questões relacionadas à tragédia, mas não é que tenhamos começado do zero. Era impossível não ser impactado, várias pessoas da equipe moravam em Porto Alegre, tendo que sair de casa de lancha — recorda Fonseca. — Mas, ao mesmo tempo, não queríamos fazer uma Bienal que *literalizasse* a tragédia, poderia ir para uma apropriação vertical, até perversa. O que havíamos planejado para alguns espaços mudou, e, com o adiamento, os artistas tiveram mais tempo para complexificar mais as obras, aprofundar nas pesquisas. Isso é algo que fica bem perceptível ao ver as obras.

A transformação trazida pela Bienal é notada não apenas no interior das instituições, mas no espaço público. Há duas semanas trabalhando na capital gaúcha, o arquiteto e artista boliviano Freddy Mamani pintou a fachada da sede da Fundação Ecarta, na Cidade Baixa, com elementos da cosmologia dos



Instalação. "Teoria geral do Babalu Atômico", de Randolpho Lamonier, ocupa uma das salas do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MAC-RS)

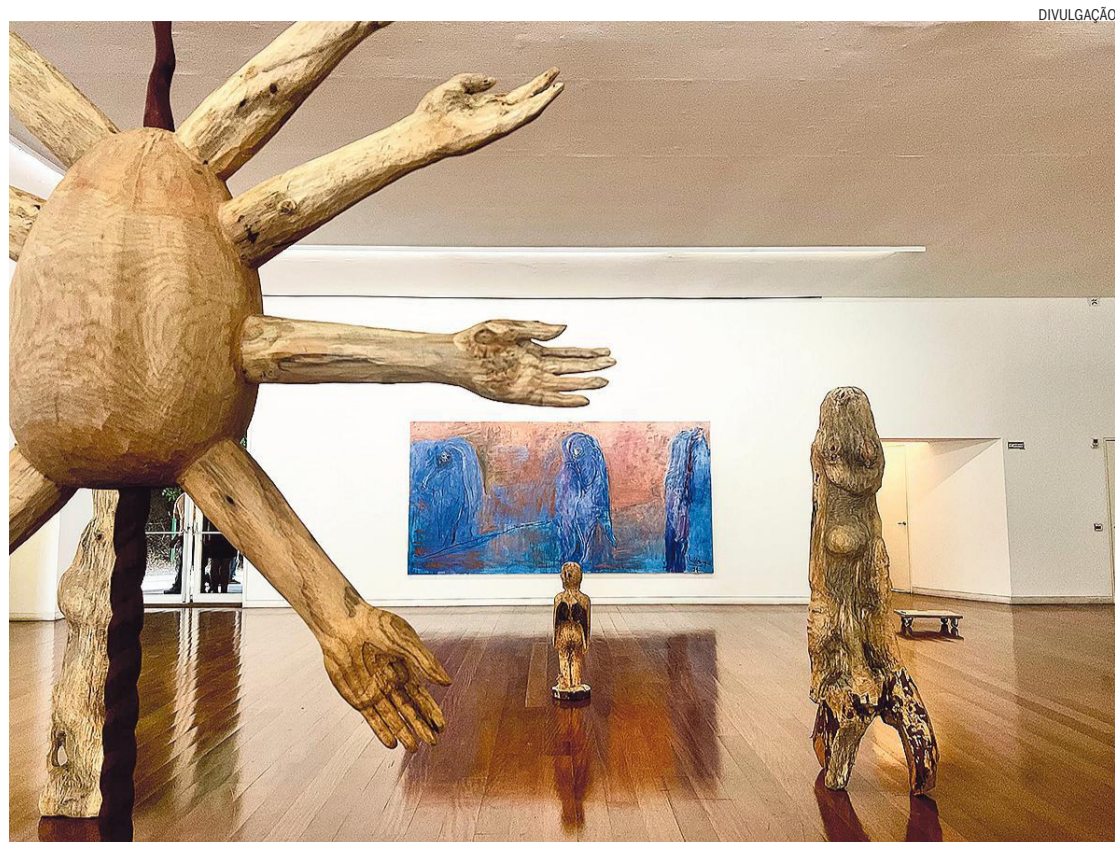
ARTE PARA UMA PORTO ALEGRE EM RECONSTRUÇÃO

ADIADA APÓS AS ENCHENTES QUE ATINGIRAM A CIDADE NO ANO PASSADO, 34ª EDIÇÃO DA BIENAL DO MERCOSUL ABRE COM OBRAS DE 76 NOMES EM 18 ESPAÇOS DA CAPITAL

DIVULGAÇÃO/THIELE ELISSA



Próteses. "Cs0", instalação da mexicana Berenice Olmedo no Farol Santander, que foi reaberto para a 14ª edição da Bienal do Mercosul



'Suíte'. Instalação com esculturas em madeira de Zé Carlos Garcia em diálogo com tela de Iberê Camargo

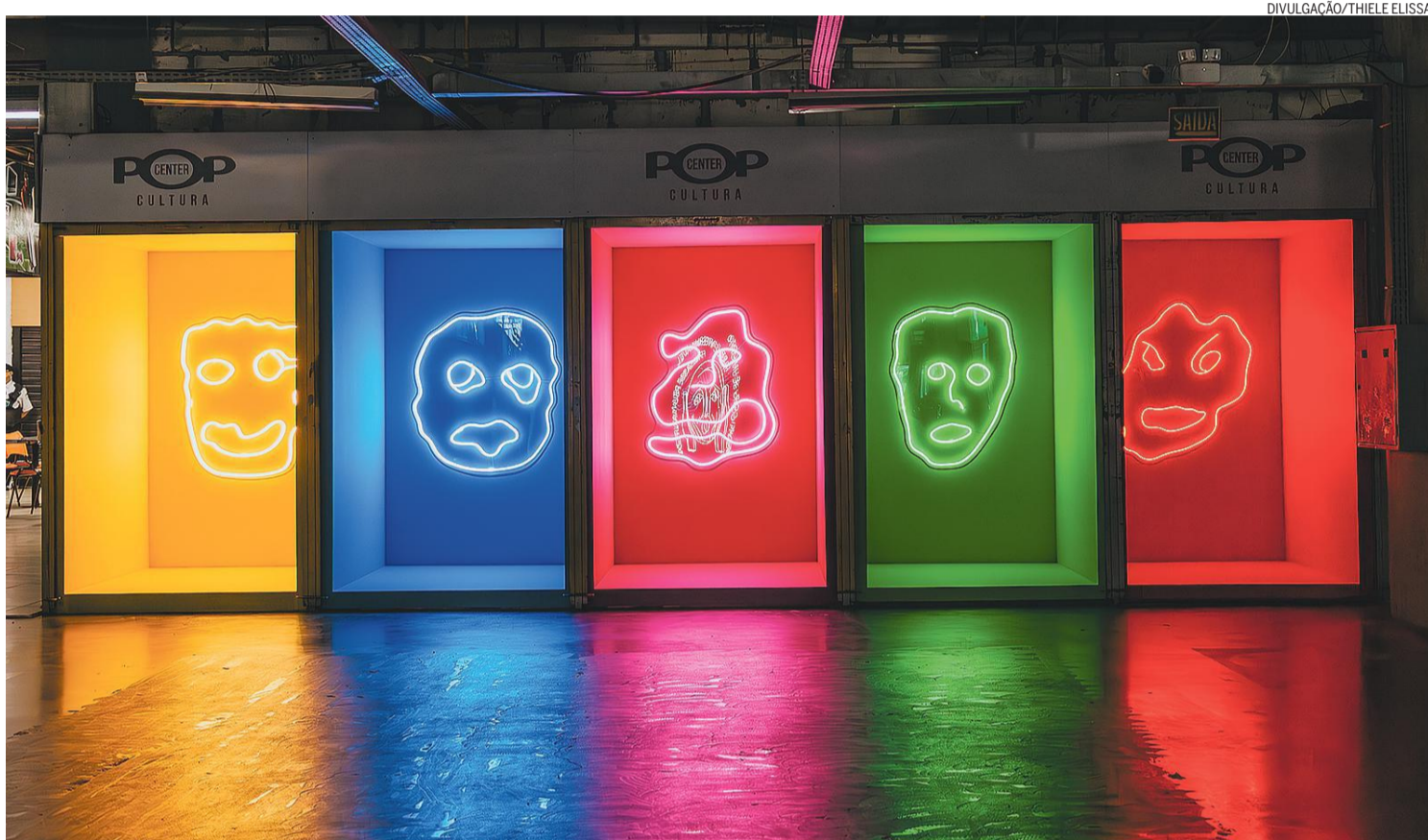


Museu do Hip-Hop. Um dos novos espaços da Bienal recebe o projeto Retratistas do Morro

povos andinos. Para Mamani, que é descendente do povo andino aymara, a conexão direta com o público é fundamental para sua obra.

— A iconografia andina utilizada retrata a irmandade entre os povos através da arte. O que é exatamente o que vivemos aqui. Temos nossas diferenças regionais e culturais, mas somos um só povo, essa união transpõe as fronteiras — comenta Mamani. — Nos empenhamos muito nestas duas semanas de trabalho, e foi bom ter essa conexão com as pessoas, sentir que estávamos contribuindo com essa mudança psicológica, de ânimo, que é essencial para a cidade se reerguer.

Conexão com o público foi também o que buscou a artista multidisciplinar porto-riquenha Awilda Sterling-Duprey, de 78 anos, que na tarde de quinta-feira realizou no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs) sua performance "Blindfolded". Com os olhos vendados, ela executou movimentos coreográficos enquanto finalizava com tinta a óleo uma pintura sobre uma grande tela vertical, junto a outras obras suas e videoinstalações do turco Özgür Kar.



'Zé Ninguém'. Obra de Ismael Monticelli, no Pop Center, outro espaço que estreia na programação na 14ª edição da mostra

— Quando recebi o convite da Bienal, pensei em fazer essa performance num trabalho de grande escala, como havia feito na Whitney Biennial de 2022 (mostra organizada pelo Whitney Museum, em Nova York). Com o adiamento, pude me dedicar por mais tempo às obras, todas que trouxe são novas. E também pude ter uma sala ampla, onde pu-

desse fazer melhor a performance — explica a artista. — Essa troca com o público, com a música, é fundamental. Gosto de desenvolver o trabalho como (o músico e compositor experimental americano) John Cage, para mim o "erro" é parte do processo. Desde que comecei a estudar arte, nunca gostei que as cores ficassem limitadas aos contornos.

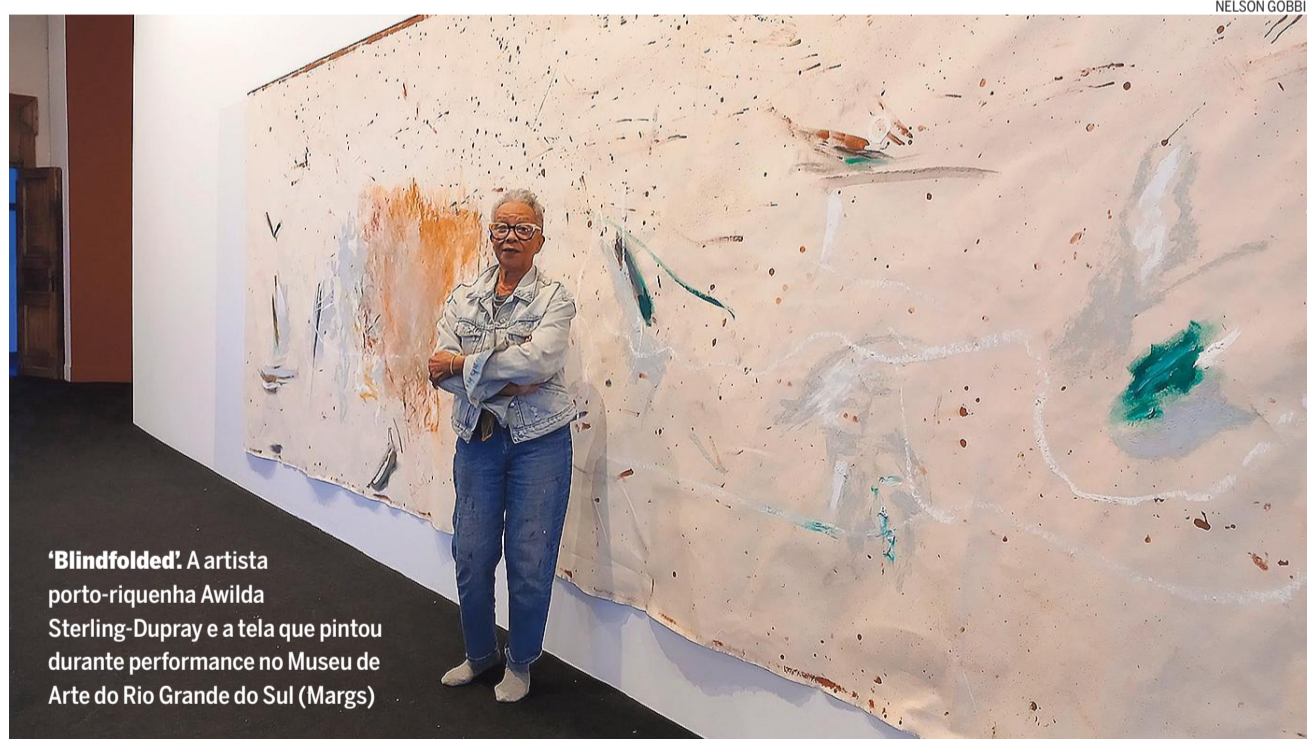
Próximo ao Margs, o Farol Santander reabriu após um longo período de obras (o andar inferior, onde havia o cinema, segue fechado ao público), com obras de nomes como a mexicana Berenice Olmedo, o sul-coreano Yunchul Kim, a indígena wichí argentina Claudia Alarcón, a brasileira Marina Rheingantz e o pioneiro sul-coreano da videoinstalação

Nam June Paik (1932-2006). Outro espaço tradicional, a Fundação Iberê Camargo, no Bairro Cristal, às margens do Rio Guaíba, reúne obras do americano Diedrick Brackens, o boliviano José Ballivián, o chinês Li Yong Xiang, o tailandês Taiki Sakpisit e os brasileiros Djalma do Alegrete, Maya Weishof, Darks Miranda, Leticia Lopes, Mauro

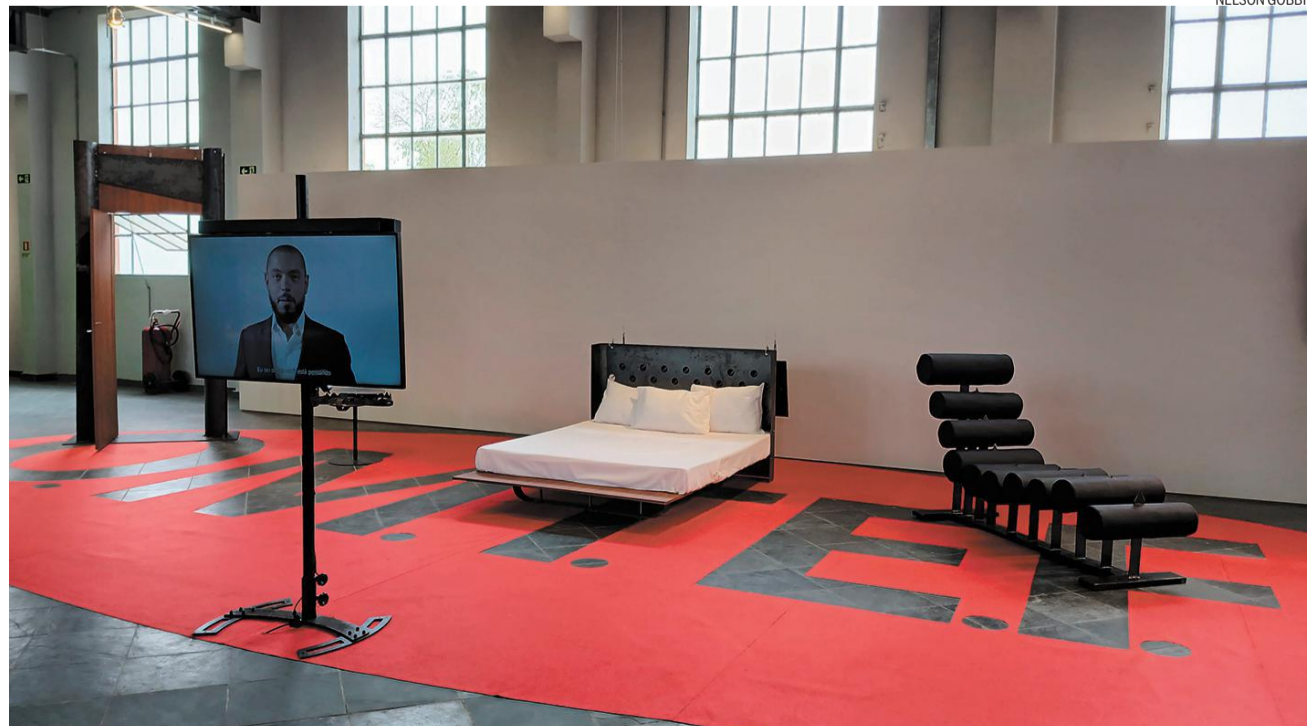
Fuke e Rodrigo Cass. No átrio monumental, no térreo, a instalação "Suíte", do sergipano radicado no Rio Zé Carlos Garcia, com esculturas em madeira de formas híbridas, com extremidades esculpidas em mãos e cabeças humanas, criam um diálogo com telas e desenhos de Iberê Camargo, dispostos à volta do conjunto escultórico.

— O nome vem de uma suíte musical, pensei como uma dança dessas figuras, que podem parecer suaves mas mostram uma violência à medida que nos aproximamos. Essa violência vem do próprio gesto de esculpir, com machado, facão. E há essa troca com as pinturas do Iberê, às vezes parecem que espelham as esculturas — observa Garcia. — Foi minha primeira vez em Porto Alegre, e é impressionante ver essa efervescência cultural da cidade, que volta forte nessa retomada. É curioso que nas montagens algumas vezes os artistas estão trabalhando ao mesmo tempo que obras seguem sendo feitas nos locais. Dá uma impressão de reconstrução total.

Nelson Gobbi viajou a convite da Bienal do Mercosul



'Blindfolded'. A artista porto-riquenha Awilda Sterling-Duprey e a tela que pintou durante performance no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs)



Na Usina do Gasômetro. A instalação "Ouvindo muito trap enquanto faço interiores", de Marcus Deusededit



Fibras vegetais. "Dueño de los peces/ buinaño", da peruana Nereyda López, no Margs